



Fig. 1: Sara Ramos. Vejo flores em você. 2016. Fonte: Acervo da artista.

## ARTIGO

# SARA RAMOS E A MODULAÇÃO DE EMOÇÕES

VIVIANE BASCHIROTTO  
ABCA/SANTA CATARINA

**RESUMO:** Sara Ramos é uma artista que trabalha principalmente com a cerâmica. Constrói e reconstrói maneiras distintas de apresentar sua poética nesta técnica milenar. As sutilezas e delicadezas que se apresentam em suas obras dão vida a evocações de emoções, que podem ser transformadoras, refletindo à luz do pensamento de Georges Didi-Huberman.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sara Ramos; Cerâmica; Georges Didi-Huberman; Emoção.

**ABSTRACT:** Sara Ramos is an artist who works mainly with ceramics. She builds and rebuilds different ways of presenting her poetics in this ancient technique. The subtleties and delicacies that appear in her works give life to evocations of emotions, which can be transformative, reflecting in the light of the thought of Georges Didi-Huberman.

**KEYWORDS:** Sara Ramos; ceramics; Georges Didi-Huberman; emotion.

Um coração se apresenta. Ele é lustroso, tem a cor do barro, seu formato lembra um coração humano, com as veias de ligação no topo, mas, em sua particularidade, ele parece estar se descascando, e de sua pele exterior surgem flores que foram adesivadas em sua pele. Este coração é de Sara Ramos (Florianópolis, SC, 1958) uma artista plástica formada em Artes Visuais e em Língua e Literatura Portuguesa que tem a cerâmica como principal matéria em seus trabalhos. *Vejo flores em você* (figura 1) apresenta um de seus múltiplos corações que aparecem de tantas formas diferentes em seus trabalhos, como se Sara Ramos ainda não tivesse esgotado essa questão. O coração aparece envolto de arame farpado, de plumas, em um relicário, em conserva, banhado de água transparente ou em um líquido vermelho. O coração bate em um vídeo, o coração silencia afogado. Em *Vejo flores em você* o coração enfeitado, ricamente decorado com adesivos, se racha e perde a casca, e o coração descascado lembra os machucados que um dia virão ou que já vieram dos tombos de bicicleta ou da partida de



Fig. 2. Sara Ramos. Tanto em nós. Impressão por sublimação de fotografia digital, 2018. Fonte: arquivo do autor.

peças amadas. A obra lembra que a vida é feita de flores e fraturas das quais emergem beleza.

O barro, material utilizado na cerâmica, é um material primário, foi utilizado por civilizações por milênios antes de nós para construir casas, vasos, utensílios domésticos e de trabalho. Com frequência são encontrados fragmentos dessas

produções em sítios arqueológicos. O barro é maleável, juntando com um pouco de água ele se torna moldável e ganha diferentes formas, como a do coração de *Vejo flores em você*. Enquanto crianças, brincamos com o barro em nosso mundo imaginário, onde nos sonhos e fantasias o barro pode ser comidinha, o barro rachado e seco se torna plaquinha de empilhar, o barro com mais água é lama onde

corremos, caímos, escorregamos e nos sujamos. Ao final do dia, as roupas estão dignas de irem para o lixo e a máquina de lavar não dá conta de retirar toda a vida que ali se acometeu. Sara Ramos afirma sobre seu trabalho com o barro: “acho que eu busco uma criança que um dia eu fui, é aquela coisa do lúdico, do prazer, de imprimir o sonho, a alegria e o mundo imaginário naquele momento. Acho que o barro propicia isso, um retorno a infância, um retorno a memórias afetivas.” (RAMOS, 2018) O barro é mesmo um material muito versátil e possibilita brincadeiras e experimentações. A argila viabiliza a impressão de fantasias, pode tomar a forma dos sonhos e desejos, executados pelas mãos.

## QUANTA EMOÇÃO CABE EM UM CORAÇÃO!

De sutilezas e delicadezas são feitas as obras de Sara Ramos, e isso não exclui a força que cada uma tem. Em *Tanto em Nós* (figura 2) os corações da artista foram fotografados com diferentes complementos e se apresentam com um cortinado que revela mais do que esconde. Um coração foi envolvido

com arame farpado, outro com uma mangueira plástica transparente e o terceiro com um cordão de plumas. Sentimentos e emoções como dor e raiva poderiam estar ligados ao primeiro, o segundo parece precisar de auxílio para continuar respirando ou batendo e o terceiro carrega consigo a leveza das penas. Mas todos os três estão enredados e aprisionados, seja na leveza ou na dor e ainda difusos sob o cortinado que, apesar de translúcido, funciona como mais uma barreira de acesso.

Os corações de Sara Ramos podem despertar e lembrar de diferentes emoções e o historiador da arte Georges Didi-Huberman em seu livro *Que emoção! Que emoção?* escreve sobre as emoções que nos acometem e que elas têm um poder de transformação. Começa o texto falando sobre o choro, que acompanha diferentes emoções e lembra que para Charles Darwin, o choro era um estado primitivo, reservado aos degenerados e inferiores socialmente (animais, crianças, mulheres, velhos e raças humanas com poucas semelhanças aos europeus). “A idade da razão, a idade adulta, seria então a idade em

que sabemos reprimir essa tendência primitiva de expressar emoções” (DIDI-HUBERMAN, 2016, p. 17) escreve o autor sobre o pensamento de Darwin. Pelo contrário, Didi-Huberman lembra que é preciso confiar na criança que chora, mesmo na criança que existe dentro de si quando adulto. “Esta criatura que chora diante de nós, um ser em lágrimas, se apresenta a nós. Ela se expõe. Ela expõe, mostra sua emoção” (DIDI-HUBERMAN, 2016, p. 18). O autor ainda lembra que quando se chora na frente do outro, é possível que a pessoa seja chamada de patética, com a intenção de desprezo, mas que a palavra *pathos* tem uma bonita história e carrega em si as emoções. Rememora na filosofia de Platão, Aristóteles e Kant a emoção como um impasse, como uma emoção que nos toma e deixa mudos, sem reação.

Lembra que a conotação das emoções para algo positivo é considerada em Hegel e Nietzsche, este último pensando as emoções como uma “fonte original”, que se manifesta na arte e na poesia. Didi-Huberman vai falar da emoção como uma *moção*, uma *moção* de colocar para fora nós mesmos. A



Fig. 3. Sara Ramos. Tudo sobre nós. Vídeo, 2018. Fonte: <https://sararamos.art/tudo-sobre-nós-vídeo>

emoção seria um movimento e ação que nos atravessa. “Algo como um gesto ao mesmo tempo exterior e interior, pois, quando a emoção nos atravessa, nossa alma se move, treme, se agita, e o nosso corpo faz uma série de coisas que nem sequer imaginamos” (DIDI-HUBERMAN, 2016, p. 26). Desse movimento e ação pode então surgir a arte, como os corações de Sara Ramos. No vídeo *Tudo sobre nós* (figura 3), a artista mergulha um de seus corações em um pote de vidro e, ao afundar, o coração de cerâmica amplifica um som semelhante ao batimento de um coração humano. Sara Ramos rememora o processo de criação desse trabalho:

Eu fiz um furo pequeno embaixo e em cima no coração, porque eu já queria que ele submergisse, então assim que eu colocasse, tinha um furinho para entrar água e outro para sair o ar. Quando eu fui testar no meu ateliê, era um final de tarde, me sentei e peguei um vidro, coloquei o coração e fiquei esperando que ele submergisse para ver se tecnicamente aquilo aconteceria. Ele foi descendo e começou a sair o ar que estava

dentro, fazendo tumentum, tumentum. Foi algo tão emocionante, tão fora do comum! Era um entardecer e uma emoção tão grande nasceu dentro de mim, porque ali eu tinha um trabalho. (RAMOS, 2018)

O coração que se afoga gera uma emoção muito grande, no caso da artista, uma euforia e alegria por ter criado mais um de seus trabalhos, uma emoção a atravessou de forma interior e exterior e a motivou a produzir o vídeo *Tudo sobre nós*. Mas talvez para nós que o vemos, o coração mergulhando lentamente e repetidamente faz emergir outras emoções, talvez uma surpresa, estranheza, um temor, tédio ou até tristeza. E, a arte, vale lembrar, é um território diverso, onde cabem diferentes emoções, sendo todas corretas. Sara Ramos afirma que teria sido cantora se não se achasse desafinada, mas a artista produz sonoridade quando coloca seu coração para afundar no pote de vidro na obra *Tudo sobre nós*. Os batimentos do coração têm ritmo e sequência, e ali encontramos a sonoridade que tanto fascinava a artista desde criança ouvindo o pai cantar.



Fig. 4. Sara Ramos. Relicário. Cerâmica, vidro e tecido. 2017. Fonte: arquivo do autor.

## EMOÇÕES, MODULAÇÕES DE AFETOS

As repetições e o múltiplo aparecem com frequência na produção de Sara Ramos. O coração é uma das questões que se apresentam sempre com novos sentidos e sentimentos. Em *Relicário*

(figura 4), o coração se apresenta em uma redoma de vidro, como algo muito precioso, que precisa ser preservado, assim como os objetos que temos apreço e apego, que não pode ser quebrado. O coração protegido, já descascando com esse aspecto frágil, é colocado delicadamente sobre uma almofada, e ali se encontra para nossa contemplação ou adoração. *Relicário* pode remeter à elevação, a um sentimento de ascensão, ao que é sagrado, mas a obra também se coloca como uma possibilidade de expiação de dores e pecados.

Sara Ramos rememora que seus pais eram atuantes na igreja católica e que com frequência ela e os irmãos quando crianças circulavam pela sacristia da Catedral Metropolitana de Florianópolis:

Naquele lugar escuro, cheio de batina pendurada, santos quebrados, aquela coisa do místico e do medo ao mesmo tempo. Essa memória é muito forte para mim. Não no sentido de dor, mas no sentido de perplexidade com um mundo imaginário que eu não sabia responder o que era, aquele Cristo todo ensanguentado, com

aquelas mãos furadas, essas imagens são muito presentes para mim. E o Relicário tem muito disso. Para mim é a sacristia da Catedral. Claro que ele tem outras coisas ali, eu perdi a minha irmã mais velha com sessenta anos por conta de um infarto... Tem uma série de coisas que me fizeram produzir esse trabalho, esse coração é cheio de significados para mim. E tem o amor dentro dele, porque ele tem flor, que sou eu, esse otimismo, que mesmo diante da dor, eu tenho uma coisa que transcende de alguma maneira os problemas. (RAMOS, 2018)

As flores, que emergem desse coração perdendo a casca, são feitas com adesivos próprios para a cerâmica, colados e queimados junto ao esmalte vidrado, deixando esse aspecto lustroso para o barro. O adesivo no coração se apresenta também como algo precioso, pois a artista lembra que ganhar um quando criança era um grande presente. Mesmo hoje, com uma facilidade maior de comprar e ganhar adesivos, eles ainda assim são guardados com carinho, usados em ocasiões e cartinhas especiais. Os adesivos são então mais uma das preciosidades nos corações de Sara

Ramos.

Ao rememorar seu processo de criação, a artista descreve situações diversas que a levaram a criar *Relicário*. Didi-Huberman recorre a Aby Warburg e seu *Atlas Mnemosyne* para afirmar que “é como se a história das artes visuais [...] pudesse ser lida como uma imensa história das emoções figuradas, dos gestos emotivos que Warburg denominava “fórmulas patéticas” (DIDI-HUBERMAN, 2016, p. 35, grifo do autor). As emoções seriam também imagens que transmitem e transformam, se emocionar não é um ato passivo, assim como produzir uma obra de arte. Muitas emoções envolvem o processo criativo e também a observação e o contato que temos com as obras que um artista apresenta. Didi-Huberman ainda lembra que nos manifestamos para o próximo, que para que exista emoção, é preciso o movimento de manifestar para o outro. Como Sara Ramos faz, quando nos mostra e comunica emoções com seus corações.

Em *Nada entre nós* (figura 5) mais uma vez o coração se apresenta, mas novamente não na cerâmica, mas na

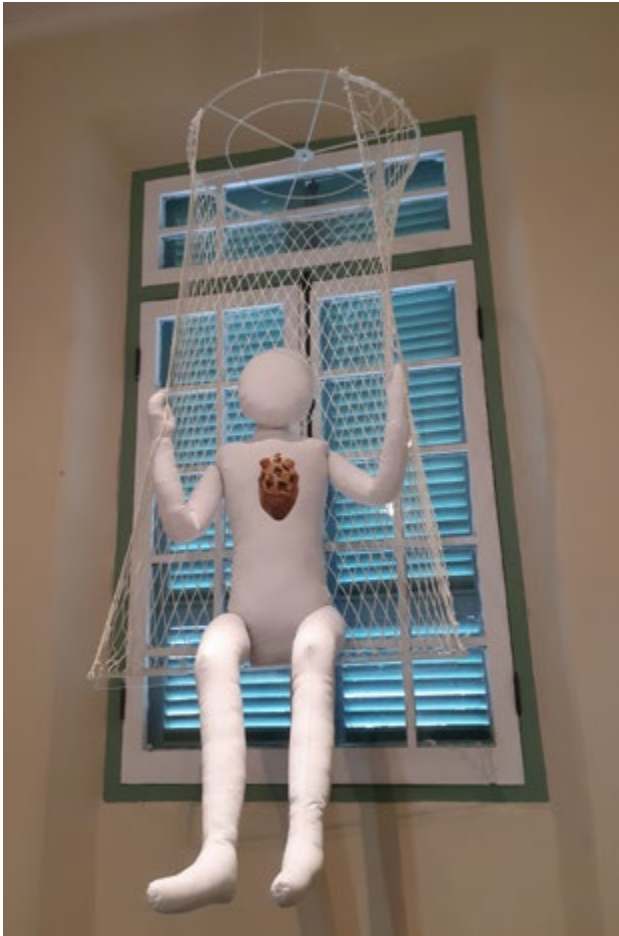


Fig. 5. Sara Ramos. Nada entre nós. Tecido, fibra, acrílico e rede. 2018. Fonte: arquivo do autor.

fotografia do coração junto a uma figura humana solitária sem rosto nem expressão, que se ergue próxima ao teto. Esse trabalho, assim como os

outros abordados neste texto, fez parte da exposição *Íntimo Plural*<sup>1</sup> e sobre o aprisionamento dos personagens da exposição, a artista afirma:

Essa exposição foi mesmo um conceito proposital, porque eu queria aprisionar tudo, tudo era aprisionado nessa exposição. Mas de uma maneira tão leve, tão sutil que as pessoas as vezes nem percebiam, mas todos os serezinhos estavam dentro de caixas, tudo estava encaixotado dentro do vidro, e até os bonecos que estavam soltos estavam de alguma maneira amarrados e impedidos. O que estava pendurado no balanço estava tão alto que ele não podia pular e, ao mesmo tempo, tinha essa rede que lembra mais um poleiro do que um balanço. Quando eu fiz esse balanço eu me inspirei nos samburás para pegar siri, carregar peixes. Eu queria que o boneco estivesse com o aspecto de preso, apesar de ele não estar tão preso assim. (RAMOS, 2018)

Em *Nada entre nós* sentimentos de proteção e aprisionamento também se apresentam na obra, assim como em *Relicário*. E para além dessas emoções, há ainda uma solidão nesses personagens

e corações. Também existe um afeto, envolvimento e uma modulação nesses corações, que ora se apresentam em cerâmica, ora em registro fotográfico ou ainda em vídeo. Os corações, assim como outros trabalhos de Sara Ramos como a série *Engolidores* ou *Singulares*, são rearranjados de maneiras diversas a fim de consumir as questões que trabalham. Como em blocos de montar, a artista vai empilhando e trocando as formas de *Engolidores* e a maneira como apresenta *Singulares*, seja dispendo na parede em uma grande fileira ou formando um grande bloco de pequenas partes como num cubo mágico. Os corações também se apresentam em caráter modular quando são experimentados em diferentes configurações, assim como é o tempo da infância, de transformações constantes, aprendizagens e rearranjos daquilo que já existia.

## CONSIDERAÇÕES

Tendo o barro como material primário, Sara Ramos faz um retorno a infância, ao universo lúdico e imaginário, que nada mais é também o território do qual a arte pertence. Levando



em conta o procedimento artístico de caráter modular em Sara Ramos, podemos pensar que suas obras são como brinquedos, onde a artista os apresenta e rearranja ao seu desejo, possibilitando mostrar sentimentos e emoções diversas. Didi-Huberman lembra que os gestos sobrevivem em nós, de muitos e muitos séculos construídos e se manifestam em nós em determinadas situações. A aparição da emoção não é um ato passivo, é preciso sentir para viver e Sara Ramos parece apresentar os corações de forma a querer esgotar e expiar diferentes sentimentos e emoções.

Sara Ramos prova que as emoções não acometem apenas à parcela de degenerados da qual falava Darwin, mas sim suas obras são capazes de evocar as mais diversas emoções em qualquer ser vivo que se prontifique a observá-las. No final das contas, lembra Didi-Huberman, não existe emoção boa ou ruim, existe a emoção que te transforma, existe aquilo que você faz com as suas emoções. “As emoções têm um poder - ou são um poder - de transformação. Transformação da memória em desejo,

do passado em futuro, ou então da tristeza em alegria” (DIDI-HUBERMAN, 2016, p. 44, grifo do autor). Sara Ramos transfigura suas emoções em trabalhos artísticos, sejam eles alegria, tristeza, dor, leveza, estranheza, tédio ou calma. Convido você a fazer o mesmo.

## NOTAS

1 A exposição *Íntimo Plural* foi apresentada no ano de 2018 na Fundação Cultural Badesc em Florianópolis, SC e fez parte do Circuito Propagações do SESC, circulando pelas galerias da instituição em Jaraguá do Sul, Lages, São Bento do Sul, Itajaí, Joinville e Joaçaba.

## REFERÊNCIAS

RAMOS, Sara. Entrevista concedida a Viviane Baschirotto e Maryella Gonçalves Sobrinho. Florianópolis 06 de novembro de 2018. Entrevista.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Que emoção! Que emoção?* São Paulo: Editora 34, 2016.

## VIVIANE BASCHIROTTO

Doutora e mestre em Teoria e História da Arte pela UDESC/CEART. Com pós-graduação em História da Arte e Licenciatura em Artes Visuais pela UNIVILLE. Foi membro de equipe editorial da Revista *Palíndromo*, vinculada ao PPGAV UDESC, bolsista PROMOP e FAPESC no doutorado e mestrado respectivamente. Ministra cursos livres de história da arte e produção de conteúdo no site e redes sociais do projeto *Lendo a História da Arte*.